

# Resenhas



PRETI, Dino (Org.). *O Discurso Oral Culto*. SÃO PAULO,  
HUMANITAS PUBLICAÇÕES-FFLCH/USP, 1997, 173 p.  
(NÚCLEO NURC/SP-PROJETOS PARALELOS V. 2)

Luiz Antônio Marcuschi\*

O objetivo central da obra *O Discurso Oral Culto*, organizada por Dino Preti, é a busca de maior clareza e consistência para a noção de Norma Oral Culta. Corajosos, os autores apresentam-se quase-céticos quanto à possibilidade de uma definição exata, precisa, consensual das expressões “norma” e “culto”. Mas, se por um lado mostram que ainda não há uma definição precisa do que seja “norma” e “culto”, por outro lado, oferecem excelentes indicadores para uma melhor compreensão do problema. Comum a todos é a recusa a analisar os temas exclusivamente do ponto de vista do código linguístico. Daí o acerto já na escolha do título, pois não se trata de investigar a língua culta, e sim o discurso culto. A noção de discurso visa a abarcar os interlocutores, a dimensão dialógica e outros aspectos essenciais à análise e quase nunca pensados no contexto da definição de norma.

É notável o fato de todos os nove ensaios que compõem a obra terem surgido num espírito de equipe – a reconhecida Equipe NURC/SP que já produziu outros trabalhos similares com o mesmo *corpus*. Este traço coletivo revela-se na metodologia, na exposição, no caráter essencialmente analítico-descritivo-interpretativo e no aspecto prático, quase didático dos ensaios. Todos eles têm por base materiais extraídos do *corpus* do Projeto NURC/SP e fazem as teorias previamente expostas frutificarem nesse âmbito. Ensinam como identificar uma questão teoricamente para observá-la empiricamente e extrair conclusões. Sugestões esclarecedoras

\* Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

mostram que as noções tratadas se acham ligadas a aspectos de uso da língua, o que leva a situar o debate sobre a “norma culta” no plano da explanação textual-discursiva.

Como o próprio organizador da coletânea, Dino Preti, ressalta em sua apresentação, a obra pode ser dividida em dois grandes blocos: o primeiro, composto pelos trabalhos do próprio Dino Preti, Diana L.P. de Barros, Beth Brait e Marli Q. Leite, dedica-se a noções tais como língua, fala culta, norma, diálogo, interação, falante culto; o segundo grupo, composto pelos trabalhos de Hudinilson Urbano, Leonor L. Fávero, Ieda M. Alves, Paulo de T. Galembeck e Zilda M. Zapparoli, trata de temas diversos, voltados para a oralidade e aspectos discursivos. Teoricamente, várias são as tendências, podendo-se identificar marcas da Sociolinguística Interacional ligada à Análise da Conversação; bases da Análise do Discurso; aspectos da Estilística, Lexicologia e Informática aplicadas à análise da interação. Esta variedade de perspectivas teóricas é outro traço marcante da coletânea ao evidenciar que na base de um trabalho coletivo havia convicções pessoais respeitadas. Ganha com isso o leitor que vê o mesmo problema cercado por vários lados e várias teorias. Além disso, resalto ser esta a única obra em língua portuguesa dedicada a tema tão delicado e relevante quanto é o da noção de norma.

O primeiro ensaio é o de Dino Preti. Ali o A. observa que para uma definição conceitual de falante culto deve-se considerar as mudanças socioculturais e históricas na área urbana e sua influência sobre os fatos lingüísticos. O A. analisa o que hoje se poderia entender com “*falante culto*” e “*língua culta*” e se indaga se falante culto é aquele que fala a língua culta ou a língua culta é a falada pelo falante culto. Na realidade, não é nem um nem outro, pois o problema está na noção de culto, que nunca foi tida como problemática porque vinha definida na simples relação com o código; difícil ela se tornou quando foi relacionada ao falante e mais difícil ainda quando o falante foi analisado em sua produção efetiva, já que um falante varia em seus usos lingüísticos. O grau de escolaridade

não é mais decisivo para a noção de falante culto, já que falantes de cultura média estão sob constante influência da mídia e de contatos interpessoais com indivíduos de outras camadas. Esta interpenetração social tem conseqüências nos usos da língua, mas não é uma promessa de nivelamento. Observando usos lexicais dos “falantes cultos” do Projeto NURC/SP, Dino Preti chama a atenção para a variedade e indaga: como definir “*norma culta*” na relação com a heterogeneidade do uso da língua por parte dos falantes? A grande lição de Dino Preti neste ensaio é, sem sombra de dúvida, esta: falante culto e norma culta não são noções simetricamente construídas.

Diana de Barros, autora do segundo ensaio, parte da idéia de que não há uma simetria na imagem normativa entre fala e escrita: não temos gramáticas normativas para a fala mas sim para a escrita. O padrão tido como fala culta, por ser uma espécie de derivação mimética da escrita, não passaria de uma “imagem da norma culta”. Segundo a A., a norma explícita está sob a ação de um “discurso da norma” remetido a um “aparelho de referência”, personificado nas academias e gramáticas que levam à “difusão e imposição” desse padrão na escola, o que sugere que a norma explícita se restringiria à escrita, estando a oralidade submetida a uma norma implícita. No entanto, a A. defende a posição contrária: a fala também tem uma norma explícita. Pois a ausência de um aparato institucional e acadêmico para a fala “não deve ser tomada como uma falta e sim como uma das características da norma explícita da fala, a que possibilita ao ‘falante culto’ maior variedade de usos”. É, portanto, “a capacidade de variação e não o ‘purismo’ de um único uso que separará de um lado os falantes cultos de outros que ‘não sabem falar’ e não são maleáveis”. Daí o discurso da norma prescrever maior variação para a fala que para a escrita, o que conecta Diana de Barros a Dino Preti quanto à elasticidade da noção de “falante culto” como um indivíduo que se adapta a situações e contextos de fala. Para comprovar esta “imagem da norma” que os falantes ditos cultos fazem dos usos da língua, a A. analisa

aspectos das conversações colhidas pelo projeto NURC/SP, mostrando que ausência de “rigor” e de reparações explícitas constituem parte de sua imagem da norma que é usada com efeitos expressivos. Procedimentos discursivos, papéis sociais e variação lingüística são os ingredientes que comprovam a existência de uma “imagem de norma explícita” na fala.

Beth Brait, fundada na linha bakhtiniana, traz uma reflexão sobre a representação metalingüística que, na perspectiva sócio-interativa, conduz à construção de imagens da norma culta por parte dos falantes. A A. revela um cuidado especial com a conceituação terminológica, distinguindo com clareza diálogo enquanto uma realização estrutural específica no uso da língua de dialógico como característica da própria língua. Neste caso, a intersubjetividade é constitutiva da língua e a imagem de norma culta é construída interativamente pelos falantes, de modo que o discurso da norma pode revelar-se, por exemplo, em fórmulas metaenunciativas do tipo: “a gente diz...”, “como se diz...”, “disseram...”. A norma que daí emerge possibilita “uma homogeneidade textual e uma heterogeneidade discursiva” que serve como critério para a própria noção de textualidade do gênero diálogo. Segundo observa a A., o material do Projeto-NURC/SP pode não ter ainda conduzido a uma identificação da norma culta, mas colabora de forma significativa para “o conhecimento das imagens da norma culta e de seus falantes”, flagrados em sua atividade discursiva, especialmente nas manifestações metaenunciativas.

“Purismo no discurso oral culto” é o tema do ensaio de Marli Quadros Leite. A A. parte da idéia de que o purismo é um fenômeno presente de modo especial no discurso oral culto, seja no uso de expressões arcaicas, metáforas populares, termos preciosos, construções raras etc. A análise da presença do purismo no discurso oral culto é feita tendo por base as normas prescritivas explícitas, em especial no campo do léxico e da gramática. Após uma ilustrativa incursão pela história da noção de purismo na tradição gramatical e retórica ocidental, a A. lembra que existem “duas forças opostas, um fluxo inovador e um refluxo conservador, trabalhando

na construção sincrônica do discurso”. A força renovadora é vista no estudo da *diversidade*, ao passo que a força conservadora é vista no estudo da *unidade* lingüística. Neste caso, o purismo se apresenta como “um *recurso preservador da norma*” e, em relação ao registro culto, um dos parâmetros da análise, “a *demonstração do saber normativo prescritivo e sua manutenção* constituem um dos fatores que caracterizam o purismo lingüístico”. O curioso, no entanto, é que poucas são as palavras típicas do léxico culto, sendo a grande maioria do léxico da linguagem comum. O “antipurismo”, por sua vez, é sobretudo uma espécie de burla do formal e do culto, revelando-se no uso gírio, distenso e solto do léxico ou das regências e concordâncias não respeitadas.

Os quatro textos até aqui analisados formam o núcleo de conteúdos relacionados ao tema central do livro. Os outros cinco ensaios que passo a analisar relacionam-se de maneira bastante clara a aspectos da oralidade de uma maneira mais ampla com o cuidado de apontar em que sentido a perspectiva da observação, se culto ou não, teria algum tipo de relevância no tópico tratado.

Hudinilson Urbano trata da “Expressividade na língua falada de pessoas cultas” e sugere que o aspecto expressivo é algo a mais e anterior ao aspecto cognitivo, informacional da língua. Além disso, a expressividade é vista como um “ingrediente” da própria língua em todas as suas manifestações e níveis, seja a culta ou popular, formal ou informal. Trata-se de algo essencialmente inscrito na língua como bem demonstra o A. em suas minuciosas e reveladoras análises dos mais diversos autores sobre a questão. O ensaio de Hudinilson Urbano fornece um modelo teórico que comprova que “todos os materiais utilizados na língua falada possuem potencialidade expressiva”. Por vezes, a expressividade é produzida com elementos que a simples transcrição não consegue captar, tal como o aspecto gestual. Por outro lado, um dos recursos básicos da expressividade, a entoação, nem sempre é apontado nas transcrições e só repõe precariamente a entoação. As observações de Hudinilson são de grande importância ao

chamarem a atenção para a função de aspectos discursivos essenciais de caráter não verbal na construção de sentidos. A tese central defendida pelo A. é a de que a expressividade não é um traço exclusivo ou característico da língua culta, mas intrínseco à própria língua enquanto tal, já que se trata da “função inseparável de comunicar a vida”.

Leonor Fávero analisa a correção e a hesitação como duas estratégias no processo de formulação do texto falado. A A. acertadamente toma como base empírica de análise dois textos nos quais se suporiam poucos processos de formulação textual baseados em correções e hesitações, ou sejam, dois textos formais: uma aula e uma conferência. Fundamental neste caso é a noção de que o planejamento prévio de um texto oral não garante uma formulação impecável. A idéia não tem sido muito explorada, daí a importância das análises efetuadas, que mostram um número essencialmente superior de hesitações em relação ao de correções. Chega a ser intrigante este aspecto, mas se comparados com o que Diana de Barros afirma em seu ensaio nesta coletânea a respeito do papel da correção na formação da imagem de “norma explícita”, os resultados de Leonor Fávero são coerentes e reveladores, ou seja, de fato, a presença da correção nos processos de formulação textual são raros, mas os de hesitação são constantes. Isto sugere que a formulação textual no caso de produções orais formais (cultas) é mais penosa na seleção perspectiva do que na visão retrospectiva, ou seja, o planejamento ainda continua um aspecto crucial na formulação.

Leda Alves dedica-se à análise das “Marcas do discurso de divulgação na linguagem falada culta” e investiga o “tecnoleto” presente em conferências, ou seja, no discurso tido como formal. O ideal desse gênero discursivo, frisa a A., é a “precisão semântica, sistematização conceitual, neutralidade emotiva, economia formal e semântica”, isto é, o controle da informação pela via dos usos lingüísticos. Após a apresentação de uma tipologia dos discursos científicos, segue-se uma análise do fenômeno de **definição** no contexto da divulgação científica. A A. considera as atividades

de formulação e reformulação de enunciados como características do discurso de divulgação, sendo que a reformulação, por pretender explicitar o enunciado retomado, vem vasada em termos, no geral, mais vagos. Em conclusão, a A. constata uma relação bastante estreita entre os tipos de definição (equivalência, analiticidade, denominação) e a atividade definitória característica do discurso de divulgação científica.

Paulo Galembeck, autor do oitavo ensaio, investiga a preservação da face no contexto da manifestação de opiniões. Trata-se de assunto sabidamente delicado expressar opiniões e mais delicado ainda quando se faz isso na relação face a face. Para mostrar como se dá esta atividade em diálogos entre falantes “cultos”, o A. expõe inicialmente as bases teóricas extraídas da Análise da conversação a respeito da noção de “face” e “preservação da face”. Após essa exposição, o A. examina os procedimentos com marcas de “distanciamento do locutor” (“*é provável*”, “*é possível*”), “impessoalidade ou indeterminação do sujeito” (“*dizem*”, “*pelo que a gente ouve falar*”), “marcas de rejeição” (“*se não estou enganado...*”) e vários outros marcadores com funções análogas sob o ponto de vista de encabeçarem expressão de opinião. O interessante é que nesses procedimentos nota-se tanto uma atitude de defesa quanto de afastamento, mas também de posicionamento, ou seja, um jogo duplo e por isso mesmo delicado. Embora o A. não estabeleça uma relação desses procedimentos com a seleção dos elementos lingüísticos para realizá-los, parece lícito admitir que esta diversidade de recursos é um traço de falantes com mais possibilidades expressivas, o que talvez contribua para a noção de “culto”.

Zilda Zapparoli, autora do último ensaio, apresenta um estudo essencialmente programático, de natureza computacional, expondo o programa denominado STABLEX, um dos mais completos até hoje desenvolvidos para análise automática do léxico. Pelo programa, os dados não são apenas quantificados, mas organizados com base em princípios “quantitativos”, comportando indicadores para elementos lexicais e indicadores para contextos textuais. Construído em quatro módulos, o progra-

ma produz levantamentos exaustivos e automáticos do vocabulário, confecciona análises estatísticas, identifica e marca seqüências e cria dicionários. Após minuciosa exposição do modelo, a A. analisa um diálogo do Projeto NURC/SP a fim de demonstrar alguns dos resultados mais significativos que se pode obter com a aplicação do programa. Pela análise, pode-se inferir que o programa consegue identificar linhas temáticas do texto, tendências lexicais e correlações léxicas. Certamente, temos aqui um aparato tecnológico sofisticado que, com a participação do lingüista, pode trazer resultados confiáveis em especial do ponto de vista lexical.

Nesta breve análise dos nove textos que compõem a coletânea aqui revista, temos trabalhos instigantes que não titubeio em recomendar a todo interessado no tema como de grande utilidade para as disciplinas que tratam da língua falada em Cursos de Graduação em Letras. É invejável o equilíbrio entre a explanação teórica e a análise dos dados que perpassa todos os textos. Uma virtude que poucas obras dessa natureza conseguem exibir com tanta segurança teórica, seriedade e elegância na linguagem.